

## LITERATURA

*Chega mais perto e contempla as  
palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem  
interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?*

*Drummond*

### LITERATURA E ENSINO: UM ENCAMINHAMENTO

O entendimento do que é Literatura deve, de acordo com a concepção histórico-cultural de aprendizagem, exceder ao universo da bibliografia mais específica para ser trabalhado em sala de aula, construindo-se na prática pedagógica sua compreensão, ou seja, investigando-se como a Literatura se constituiu historicamente como forma de expressão e que lugar ocupa no mundo contemporâneo e no cotidiano dos nossos alunos e das comunidades mais próximas.

A compreensão do que é Literatura, tomada do ponto de vista histórico e da investigação dos conceitos e das vivências dos alunos e seus pares, suscita o interesse pela investigação das produções literárias locais e regionais entendidas como forma de expressão, manifestação artística e interação com o mundo. E pode-se, a partir daí, identificar nos textos especificidades tais que nos permitam reconhecê-los como literários.

Esse entendimento pode ensejar discussões a respeito da função da Literatura no corpo social, uma vez que, se a sua manifestação tem sido cultivada através das civilizações, é interessante investigar-se que razões levaram o homem a cultivá-la e a fazer uso dela através dos tempos. Compreender a que necessidades do ser humano atende a Literatura, requer que se indague por que e para quem se escreve. E por que se lê. E nessa investigação pode-se discutir também que função tem a Literatura de ficção no nosso cotidiano e no universo escolar.

O trabalho coletivo de questionamentos e de descobertas pode contemplar a compreensão do quanto o mundo literário participa de nossas vidas travestido de diferentes formas e talvez tão mais apreciadas do que o livro, quais sejam: o cinema, a TV, a música, o teatro, cujos recursos de expressão e de interpretação excedem ao mundo das palavras. Pode-se, então, trabalhar no sentido de ver que essas manifestações trazem, além de especificidades e de recursos próprios de linguagem, um texto que é, na maioria das vezes, essencialmente literário. Essa compreensão será conduzida no sentido do reconhecimento de que as manifestações literárias atendem a necessidades artísticas e ao mundo da imaginação e do sonho, essenciais à vida do homem. Percebe-se, nessa investigação coletiva, o quanto a Literatura está embrenhada em nossas vidas e se mais não se faz presente, certamente não é por rejeição, mas por se desconhecê-la ou por não se ter possibilitado ao homem convívio mais estreito com ela.

Faz-se necessário, ainda, refletir a que objetivos atende a Literatura no currículo das escolas. A clareza em relação a esses objetivos dá-se a partir da compreensão do papel ou função da mesma na história das civilizações. A concepção de homem e de mundo que norteia a Proposta Curricular de SC facilita a compreensão da Literatura como um conhecimento produzido pelo homem como ser histórico e que, por essa razão, serve-se dela para compreender, interpretar e transformar ou perpetuar as relações sociais. Nesse sentido não há como divorciar a função social da Literatura de sua função no currículo escolar.

A compreensão do objetivo da Literatura na escola passa pelo entendimento de que sua razão de ser, no currículo, deve-se, fundamentalmente à **formação** de leitores. Leitores que reconheçam na Literatura seu valor ou função social e que, acima de tudo, aprendam a falar com o texto e, através dele, estabeleçam

um diálogo com a vida. Que encontrem na leitura de obras literárias oportunidade de prazer e de lazer, que sejam capazes de nela reconhecer valores estéticos e artísticos que se dão através da palavra. Que consigam identificar na obra o que ela tem de belo enquanto organização textual e uso da palavra escrita. Que sejam capazes, professores e alunos leitores, de se encantar pelos livros, de traçar metas, programar atividades, leituras e produções literárias, selecionar obras de forma conjunta, em sala de aula, descobrindo nessa relação, o universo da Literatura.

Nos dias de hoje, já não se pode mais trabalhar a literatura ou a leitura da mesma forma que há um século. O que se queria do aluno nas aulas de leitura nesse tempo que já vai longe e o que se quer hoje deve ter e **tem**, com certeza, uma diferença substancial. Se no primeiro caso, buscava-se a formação do leitor/decodificador, no segundo, busca-se o leitor/criador, recriador, crítico e contestador. Vai daí que, se num primeiro momento se trabalhou com um leitor que nos devolvia o texto que apenas decodificava – através de questionários, resumos ou fichas de leitura – neste momento novo não se quer mais o texto decodificado e sim recriado, ampliado e, por isso mesmo, lido. Essa mudança de concepção de leitor exige também uma mudança no encaminhamento da leitura.

Antes de tudo, o bom leitor deverá ter a compreensão de que todo texto tem uma ideologia que o perpassa e que justifica a sua existência enquanto criação estética. Afinal, toda arte, seja ela literária ou não, veicula, de uma forma ou de outra, uma ideologia que aponta para um momento histórico, para uma proposta estética, para a história de um autor.

Trabalhar para formar leitores significa, então, trabalhar pela conquista de consciência do leitor enquanto sujeito crítico, capaz de relativizar verdades e de dialogar com os textos, à medida que suas verdades se fundem com as verdades que emergem do trabalho de um autor com as palavras. Enfim, é dar condições ao leitor de perceber que, **se não existem escrituras inocentes, não há como fazer leituras ingênuas.**

Se parece claro entender que a Literatura é produção humana historicamente construída, é necessário repensar sua prática, uma vez que a escola tem, tradicionalmente, privilegiado o estudo da História da Literatura e da Teoria Literária em prejuízo do conhecimento e da leitura de obras. Impossível aceitar, na perspectiva histórico-cultural, práticas consagradas de memorização de nomes de autores e de obras, bem como interpretação das mesmas nas falas exclusivas de críticos, falas essas das quais a escola tem se apropriado para repeti-las indefinidamente. A essas vozes há que se somar as vozes dos nossos alunos, advindas de suas leituras e de suas interpretações legitimadas pelas suas vivências, pelos seus estudos e pelo novo sentido que essas obras possam ter a partir do referencial de mundo que têm os leitores ancorados em tempos diversos. Para BARTHES,

*...o que está em jogo no trabalho literário (da literatura como trabalho) é fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor do texto. Nossa literatura está marcada pelo divórcio impiedoso que a instituição literária mantém entre o fabricante e o usuário do texto, seu proprietário e seu cliente, seu autor e seu leitor. (1992, p.38)*

Já muito se disse do quanto a escola tem representado, para a maioria dos jovens, a única oportunidade de contato com obras literárias, uma vez que a história de leitura deles, dos alunos, revela, quando muito, opção por outros textos que não os literários. E aqui se pode ratificar uma função que não é exclusiva, mas que é específica da escola, qual seja a de dar oportunidade aos seus jovens de estabelecer relação íntima e prazerosa com o mundo das produções literárias. Oportunizar essa convivência com os livros, esse desvendamento do mundo literário constitui um dos objetivos da escola. Daí porque se pensa a Literatura como um dos componentes importantes do currículo escolar.

É importante ainda pensar sobre o quanto as práticas revelam que a escola tem pautado seu trabalho na fragmentação textual. A opção por recortes de obras serve para representá-las mas, certamente, não serve para que as conheçamos e para que, através da totalidade da sua leitura, compreendamos o ser humano na sua complexidade de vida material e psíquica e as relações que ele estabelece com o mundo. É lendo a obra na sua totalidade que se pode tecer individual e coletivamente a leitura do homem contextualizado no seu tempo.

A problemática da fragmentação não é extensiva à leitura de contos, crônicas, fábulas, poemas e lendas, uma vez que constituem uma totalidade enquanto textos.

As leituras e a vivência literária, certamente, ensejarão produções escritas dos leitores, motivarão buscas de fios que, na tecitura do texto, constituirão uma nova malha. Esses momentos, os da produção

textual, são também representativos da função da Literatura na escola, uma vez que possibilitam, na simplicidade do ambiente escolar, descoberta do processo da escritura, produções de saberes e achados a respeito do eu e do outro. É a revelação do homem, das vozes do ser humano na fala e nos textos das crianças, dos jovens e dos adultos. Nesse sentido, pode-se dizer que a malha que então se tecerá não constitui uma nova malha, mas rede iniciada pela história humana, cujo fio podemos puxar dos seres que nos precederam nessa escritura.

*Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos da fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. Cada inscrição constitui uma parte inalienável da ciência ou da literatura ou da vida política. Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAKHTIN, 1992, p.98)*

Os momentos de produções literárias e de leituras de obras devem ser privilegiadamente contemplados na escola cuja estrutura organizacional precisa ser revista. E tão mais alterada quanto mais conservadora for sua prática, quanto mais os livros didáticos estiverem norteando seu trabalho. Há que se discutir, no momento de organização do trabalho escolar, alternativas para leituras e produções literárias. O espaço para leitura de obras será encontrado por professores e alunos cuja motivação e interesse pela Literatura tiver sido cultivado.

Cabe aqui uma reflexão a respeito da exclusividade que a Língua Portuguesa tomou para si, ou que a ela atribuiu-se tradicionalmente, como responsável e divulgadora da Literatura, como se essa área do conhecimento fosse a única a lidar com textos e obras que tratam do mundo real e ficcional dos seres humanos. Dessa forma, a escola vem perdendo grandes oportunidades de ampliar seus horizontes, sua visão a respeito da totalidade do conhecimento universal e de expandir a vivência literária no universo escolar, conquistando leitores entre professores e alunos.

As obras de escritores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Jorge Amado, apenas para citar algumas, são, além do valor literário que possuem, verdadeiros estudos a respeito do homem inserido num tempo e espaço, ricas de costumes e regionalismos que devem interessar a outras áreas que não somente a de Língua. Da mesma forma pode-se elencar ainda, Anarquistas Graças a Deus de Zélia Gattai, Agosto de Rubem Fonseca, Boca do Inferno de Ana Miranda, O Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meireles, Corda Bamba e A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga Nunes e tantas outras.

Obras como Cem Dias entre o Mar e a Terra de Amir Klink, O Mundo de Sofia de Jostein Gaarder, O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint Exupéry, embora não se constituam de vazios e de silêncios próprios do texto literário, nem tampouco se proponham a trabalhar com a linguagem de forma artística, são de leitura agradável aos jovens e excelentes oportunidades em outras áreas que não a de Língua Portuguesa. Além disso, são boas sugestões para se relativizar, em discussões, os conceitos de “literário” e “não literário”.

Dentre as obras citadas, muitas são interpretações dos autores a respeito de acontecimentos históricos, versões afastadas da História oficial e do didatismo; formas de ver o homem situado no espaço geográfico e seu relacionamento com ele, análises do comportamento humano à luz de reações e implicações emocionais, conflitos e indagações do ser a respeito de si e da vida. Verdadeiras aprendizagens sobre o universo tomado na sua totalidade, microcosmos literários representativos daquilo que mais desejamos: a compreensão de nós mesmos na busca da felicidade. Como diz Drummond, em seu poema O Homem; as Viagens, quando fala das conquistas siderais:

*Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima e perigosíssima viagem  
de si a si mesmo:*

E essa viagem certamente será tão mais interessante de ser vivida, se tivermos rumos, roteiros e bagagem literária.

É plena, a Literatura, de obras que enfocam, de formas tão diversas, essa “viagem” de que fala Drummond. Caso se queira fazer essa busca, seguir esse “roteiro literário”, acompanhando personagens nas viagens para dentro de si próprios, visualizando auto-descobertas e crescimento pessoal, elenca-se aqui, como sugestão, algumas obras que tratam desse tema e que, evidentemente, podem ser substituídas por outras que se desejar ou que se tiver disponível:

### Contemporâneos

Rio Liberdade de Werner Zotz, O Sofá Estampado de Lygia B. Nunes, A Casa da Madrinha de Lygia B. Nunes, O Viajante das Nuvens de Haroldo Bruno, Chapeuzinho Vermelho em Manhattan de Carmem M. Gaité, Ana Z, onde vai você? de Marina Colassanti, Guerra Dentro da Gente de Paulo Leminski, Sete Desafios Para Ser Rei de Jon Terlow, O Planeta Lilás de Ziraldo

### Clássicos

Dom Quixote (sec. XVII) Cervantes, Cândido (sec. XVII) Voltaire, Viagens na Minha Terra (sec. XIX) Garret.

O filme A História Sem Fim de Michael Ende, elucida muito bem o tema.

## LITERATURA: TECENDO UMA COMPREENSÃO

Compreender o que é Literatura significa pensar que ela consiste em toda e qualquer produção escrita do homem, que tenha sido produzida em determinado momento histórico, ou ao longo de toda a história da humanidade, mas, também, que se busque pensamentos mais complexos a respeito do assunto. Para SARTRE, Literatura é:

*... uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento da História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam. (1993,p.28)*

Entender Literatura dessa forma, requer que se investigue cada sentido, que se desnude e se amplie cada conceito aqui colocado. E que se faça, na busca dessa compreensão, um exercício de diálogo com o texto, de tecitura de vozes e de produção de novos enunciados. Requer pensar a Literatura de outro ponto de vista e tentar, nesse entendimento, refletir sobre a prática educacional.

Se Literatura é *uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade*, haveremos de ler, nesse pensar, o entendimento do ato individual e solitário do sujeito escritor e do sujeito leitor, no momento da escritura e da leitura do texto. Ou seja, há na objetividade e na materialidade histórica do texto, uma visão pessoal a respeito do recorte de mundo que se tenha ali representado. Essa subjetividade precisa ser vista, no entanto, à luz da compreensão do dialogismo e da polifonia, entendendo-se que, como os sujeitos se constituem histórica e culturalmente, haveremos de ver nas falas e na subjetividade desses sujeitos (autor e leitor), uma fala que, de certa forma, resgata e repete e soma-se a outras vozes já ditas anteriormente. A Literatura então, é uma nova forma de dizer, carregada de sentidos pessoais, de tempos diversos e de cada tempo em particular.

Há que se discutir também na definição de Sartre, o recorte de que Literatura é *um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio*. Ora, o engendramento do discurso de que fala Sartre, talvez seja uma das especificidades mais significativas do texto literário. O desvendamento dessa “artimanha” literária, vamos dizer assim, constitui-se na descoberta de como lidar com o texto, de como

investigá-lo, de como ler o que não se coloca explicitamente, sob pena de não se conseguir abstrair dele sentidos apenas sugeridos. E essa compreensão, a da sutileza do texto, passa pelo entendimento do papel do leitor na constituição do texto literário, como co-autor, como co-produtor que é. É o próprio Sartre quem diz que o texto sem o leitor nada mais é do que sinais perdidos no papel. Talvez esse seja o *silêncio* de que fala Sartre: a anterioridade ao momento da leitura, o discurso que necessita do leitor para atribuir-lhe sentidos, significados ali postos, colhidos no social e que para ele retornam enriquecidos, temporalizados, através da ótica de quem lê.

A compreensão desse engendramento deverá trazer para discussão uma das especificidades da Literatura, qual seja a estrutura organizacional do texto e recursos de linguagem, dos quais resultarão efeitos estéticos diversos e diferentes gêneros literários. Pensar em gêneros significa acolher, na sala de aula, diversidade de textos, entendendo-se que na diversidade de formas residem também objetivos e interesses diferenciados. Ou ainda, entender que as necessidades que geram essas produções são distintas e que podem ser criadas coletivamente no ambiente escolar, para efeito de entendimento, leitura e produção. A partir daí o resultado estético do texto, a beleza da construção e da palavra posta com adequação e elegância, o efeito diferenciado que atribui ao texto caráter de originalidade constitui-se um trabalho que exige esmero, exercício, investigação, percepção, investimento na produção literária. E se isso estiver claro no momento de estudo do texto, de mergulho nas produções literárias, certamente poderá tornar-se uma das metas do trabalho de produção textual de nossos alunos.

Se a Literatura é também *um pensamento que se contesta a si mesmo*, pode-se discutir, a partir desse pensar, uma outra especificidade e função do texto literário, qual seja a de pensar o mundo, a de revelar atos e fatos humanos cujos sentidos haverão de ser contestados ou perpetuados no texto e a partir dele. As relações sociais são dinâmicas e conflitantes e lidam com implicações de caráter político, social, econômico e ideológico. A Literatura mostra-se como uma oportunidade de explicitação dessas relações e desses conflitos. Por isso ela investiga, diz, pensa, contesta e supera seu próprio dizer. Há nessa contestação uma vertente de tentativa de compreensão do homem, de auto-conhecimento e de entendimento da organização social. O exercício dessa contestação, via Literatura, poderá ser uma prática saudável nas escolas se servir ao entendimento da organização social, historicamente constituída, e ao desenvolvimento da prática do questionamento, entendendo-se o discurso literário como algo representativo do mundo e, por isso, tão possível de ser questionado e investigado quanto aquele. As verdades literárias são tão frágeis quanto as verdades sociais, possíveis de serem relativizadas e trazidas para serem desnudadas. Até porque

*... o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.*

*Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1992, p. 123)*

Barthes fala da *volúpia de escrever* e refere-se aos que *amam as histórias bonitas*. Sartre fala da Literatura como *uma Razão que é apenas a máscara da loucura*. Aqui talvez se deva falar da necessidade do ser humano de satisfazer seu imaginário, de elevar-se do plano concreto de vida para o estágio do sonho, proporcionar-se, através da Literatura de ficção, um escapismo, um projetar-se para além das condições humanas. É tantas vezes a ousadia do pensar, do extravasar essa loucura, embora mascarada de que fala Sartre, que possibilita manifestações artísticas através do ato da criação. Sabe-se que o ato de narrar, de contar e de recontar histórias constituiu-se em um impulso historicamente natural do ser humano, primeiramente por ser a narrativa oral, no princípio das civilizações, a única forma de registro mas, também, por serem as manifestações artísticas como a dança, a música e as narrativas, formas de interpretação do mundo. E essa liberdade de interpretação não tem limites, beira as margens da loucura, se entendermos loucura como liberdade, como aventura e encantamento diante da criação. Essa necessidade de criação, se realizada através do aspecto ficcional da obra, mascara-se tantas vezes com a razão e com o real, de sorte que nem sempre se pode delimitar a fronteira entre o real e o imaginário.

Se pensarmos ainda a Literatura, como quer Sartre, como *um Eterno que dá a entender que é apenas um momento de História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem eterno*, percebe-se a tentativa de explicar e compreender a Literatura como reveladora da essência humana que se perpetua através da espécie, através da historicidade e através das obras. E essa manifestação, essa revelação, apesar de ancorar-se num determinado tempo histórico, é, ao mesmo tempo, essencialmente subjetiva: oculta-se na interpretação individual, busca, para elaborar o seu dizer sobre o seu tempo, o que há de mais essencialmente humano, de mais desconhecido, de menos explicável e, portanto, alcança o Eterno de que fala Sartre. Perpetua a si e a História dos homens através dos falares eternizados nas obras.

Finalmente, se na concepção sartreana entender Literatura é pensá-la como *um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam*, convém considerar que ela, enquanto produção estética, não tem finalidade didática de ensinamento, mas ao tratar da vida do homem, lida com o conhecimento por ele produzido em todos os níveis. Não há fronteiras de conteúdo para quem escreve uma obra literária. O compromisso dessa escritura é com a arte, com a vida na sua totalidade, consigo próprio, enquanto ser que escreve a partir da sua história, para os seus pares, homens como ele, ancorados num tempo sobre o qual se debruça para entendê-lo e para fazer sobre ele a sua intervenção. Intervenção esta que resulta em novos saberes que, perpetuados no tempo, poderão gerar novas interpretações, novos agires, ensejando um contínuo movimento de compreensão da vida e do mundo em todas as instâncias.

Feita essa tentativa de entendimento das especificidades da Literatura, bem como de suas funções sociais, parece claro entender-se a função da Literatura na escola e os objetivos de seu estudo. Essas funções não poderão ser distintas, até porque não faz sentido entender-se o conhecimento e as produções humanas, tratando-as separadamente no corpo social e escolar, reservada a esta apenas a sistematização e a seleção desse conhecimento para efeito de trabalho.

## LITERATURA: OPERACIONALIZANDO A PRÁTICA

Para operacionalizar a prática pedagógica de Literatura, é necessário que se tenha claro a concepção histórico-cultural de aprendizagem que norteia a Proposta Curricular de SC. De acordo com essa concepção, a aprendizagem é um processo de produção coletiva que se dá através da interação dos envolvidos e da mediação do professor. Nesse processo, a linguagem é entendida como meio – portanto, é também mediadora da compreensão do mundo e do auto-conhecimento. Faz-se necessário, para o estudo da Literatura, compreender as características da linguagem verbal apresentadas por Bakhtin. A polifonia, a polissemia, o dialogismo e a incompletude são importantes aspectos da linguagem, cuja compreensão dependerá de um trabalho mais consistente e coerente com a Proposta Curricular. O entendimento dessas características possibilita uma outra postura diante da leitura de textos e de obras literárias.

Por ser a concepção de aprendizagem da Proposta Curricular de SC histórico-cultural, haveremos de realizar, nas escolas, um trabalho com Literatura que seja coletivo, interativo, mediado pelo professor e que entenda a linguagem do ponto de vista estudado por Bakhtin. Convém, então, pensar nossos alunos nessa perspectiva. Certamente o trabalho com o texto “sacralizado”, de verdades inquestionáveis, obras e autores também sacralizados, distanciados por listas exaustivas, por dizeres alheios, por fichas de leitura e tantas outras práticas, não poderá interessá-los.

Podem dizer-lhes alguma coisa os textos que falam do cotidiano deles, aqueles nos quais os alunos podem enxergar a si e aos seus. É bem-vinda a prática que lhes permite falar com suas vozes o discurso das suas vidas, que lhes dá chance de somar suas falas às dos colegas, para contestar, concordar, sair do mundo escolar a partir do texto, buscando outras referências colhidas na TV, na música, no humor, nas histórias e fatos do bairro, no trabalho, no namoro, enfim, nesse todo que é o conhecimento que eles dominam. E, então, poder fazer de seu trabalho textual, com seus parceiros, um desvendamento do mundo, processo no qual toda fala é bem-vinda. E nessa interação perceber que não há sentido único para o texto, que os grupos constroem. E, à medida que os constroem, produzem textos seus, autorias significativas, legitimadas pela visão de mundo e de organização social que trazem.

Serão bem recebidas as histórias do cotidiano, as lendas, as canções, a poesia, a novela, o conto, a crônica, a história infantil, a piada, a composição escrachada da última banda de rock, o filme, o vídeo-game,

o romance policial, passionais, o best seller, enfim, todos os textos em cujo enredo, personagens, temas ou subjetividades o leitor puder ver-se contemplado. Oportuniza-se, através dessa prática, leituras e discussões, visando o reconhecimento da tipologia das obras que as classifica em : literárias, não-literárias, best-sellers, auto-ajuda, livros de anjos, ficção, não-ficção, etc. As listas dos “mais vendidos” e as resenhas de críticos literários, publicadas em periódicos são material disponível e adequado para essas discussões e para a compreensão do que se chama “indústria cultural” e mercado editorial.

O universo da obra será tocado na perspectiva de coisa tangível, assim como é tangível, através dela, a compreensão da vida e das relações sociais. Desfaz-se, então, a sacralização do texto e da linguagem para estabelecer com eles uma relação harmoniosa de parceria, de compreensão da vida e de produção de novos questionamentos e de novos saberes. Essa relação com o texto pressupõe a valorização da linguagem e acolhe diferentes níveis de falas, porque legítimas e representativas de grupos sociais diferenciados.

Nessa perspectiva, o ensino da Literatura enseja o entendimento da **incompletude** e da **intertextualidade** do texto, entendendo-se como intertextualidade a relação de qualquer natureza existente entre textos diversos e entre esses e o contexto. Essa visão estabelece o diálogo como primordial e fomenta a coleta de outros textos para enriquecer ou negar os dizeres.

Assim é que um texto como Formiguinha de Vinícius de Moraes pode ser acolhido para ser cantado, discutido, para se saborear a simplicidade e a singeleza da poesia, para introduzir conversas sobre a relativização das coisas no universo, enfim, para exercitar um contato prazeroso com o texto que poderá se estender para a leitura de Corrente de Forminguinhas de Henriqueta Lisboa.

O diálogo espontâneo com o texto pode trazer descobertas, encontros, lembranças, reconhecimento de vivências, identificação de retalho de vida imobilizado no papel, através da palavra. E também na voz da poetisa, o leitor pode ver surgir a sua voz, seu encantamento, sua identificação enquanto ser que vê e que sente melhor a vida a partir do texto. É a sensibilização do leitor que então se dá, encantamento pela palavra escrita que pode ir buscar, na seqüência das leituras, A Formiga e a Neve de Monteiro Lobato e textos similares como: A Velha a Fiar, A Árvore da Montanha e outras representações folclóricas da oralidade brasileira que ensinam descobertas e contribuições da comunidade.

Seguindo o curso das leituras, Farra no Formigueiro de Liliana e Michele Iacocca, é também ótimo para se conversar com e sobre esse texto e, sempre mediado pelo professor, dele extrair o lúdico, a leveza com que as autoras tratam a questão da organização social e como elas relativizam o problema da autoridade, da organização familiar e da rebeldia. Impossível ler este texto sem representá-lo, sem dançá-lo com batuques e pequenos tambores e chocalhos produzidos pelos alunos.

Nesse momento das leituras é inevitável não ler A Cigarra e a Formiga, fábula que pode ser lida no original de La Fontaine ou em outras versões e, ainda, ser vista em produções de vídeo.

São também esses textos possibilidades de se produzir, a partir deles, representações dramáticas e dobraduras. Dobraduras de barquinhas, lenços e aventais de papel para vestir as formiguinhas nas representações, ou adereço diferenciado para caracterizar a formiga “rebelde” do texto de Liliana e Michele Iacocca, máscaras para representar A Formiga e a Neve e tantas outras produções que atendem ao desenvolvimento de habilidades artísticas e à formação do estético do ser, tais como: artes plásticas, mímica, dança, teatro, nos momentos de interpretação e de vivência com os textos. Há que se trabalhar no sentido de conhecer e de desenvolver outras linguagens paralelamente ao desenvolvimento da linguagem verbal.

Olhar a linguagem do texto e nela reconhecer formas diferentes de dizer, apontar o jeito exótico de falar do simples e a simplicidade de falar do exótico, perceber a escolha da palavra, a novidade do **como** escrever, dos diferentes dizeres sobre as mesmas coisas, é reconhecer a linguagem verbal enquanto arquitetura, engenhosidade, tecitura de sentidos e de formas. Os sentidos e as imagens percebidas, as sensações aguçadas, as emoções tocadas pela palavra que aí está. Investigação coletiva do polissêmico, das muitas vozes (polifonia) representadas no texto e das tantas outras que daí saem no momento da escuta, quando com ele se estabelece um grande diálogo porque somado a outras vivências – as dos nossos alunos e seus pares – que remetem a tempos diversos, a falas inesperadas, a pensamentos e a emoções arrancadas nas conversas dos grupos ou na individualidade dos pensares. É a vida que borbulha nas nossas falas de sala de aula, de alunos e professores, é o diálogo universal que se estabelece. Deixemos que os alunos falem, que digam, que se manifestem de diferentes formas, que visitem suas vidas ao se expressarem, até que se calem, mas que, ao se calarem, digam. É o dialogismo de que fala Bakhtin se efetivando. São textos que se tecem, nas duplas, nos grupos, durante as atividades, jogo verbal evidenciado, investigado, descoberto na conversa

gostosa da escola e no desenrolar das atividades.

O desafiar a imitação e a criação com a palavra é tarefa do professor que se colocará sempre como **inter** entre os textos e entre esses e seus alunos. O olhar do mestre deverá ser arguto, anunciador de caminhos da linguagem, até que o aluno também comece a fazer descobertas e a apontá-las. É a mediação no trabalho escolar, é a formação do leitor sendo garantida através da sensibilização para o texto e através da vivência literária.

Caso se deseje manter o tema e algumas discussões que podem ter surgido a partir dos textos sugeridos anteriormente, aponta-se como uma das possibilidades a leitura de Os Colegas de Lygia Bojunga Nunes. E, ainda, para se ter clareza das opções que vão surgindo nos intertextos, sugere-se A Revolução dos Bichos de George Orwell que, ao mesmo tempo que pode levantar novamente a questão da relativização proposta de forma ingênua e singela em A Formiga de Vinícius, evolui para conversas referentes aos aspectos político e ideológico. Aqui se pode ver com outros olhos, discutida com outra voz, de forma alegórica, a organização social. E pode-se examinar esse recurso artístico – a alegoria – voltando nas fábulas, nos apólogos e em tantos outros recursos da Literatura. A Formiga Boa e A Formiga Má de Lobato, bem como Formigarra Cigamiga de Glória Kirinus são excelentes exemplos. É um fio que não se acaba, esse da intertextualidade. Pode-se, ainda, remeter as discussões para outros referenciais dos alunos e outras leituras, como filmes, novelas, vivências, músicas, piadas – tão carregadas de conceitos, ideologias e preconceitos – ou outras obras literárias.

A variedade de textos lidos e utilizados para diferentes atividades propicia a escritura de textos novos, em forma de paráfrase, paródia ou a reescritura dos mesmos transformados em parte ou na sua totalidade; poesias, quadrinhas, parlendas, histórias em quadrinhos, narrativas individuais, em grupos ou no coletivo da sala de aula.

Essa percepção do texto, essa relação do leitor com diferentes obras produzidas de forma e em tempos diversos, encorajará leituras outras e produções literárias individuais e coletivas porque entendidas de que ingredientes são feitas e de que limites e de que verdades se compõem. Um limite que é o infinito, uma verdade que questiona a verdade, um espaço que não exclui linguagens, que convida à transformação, ao exercício do sonho, do encantamento, porque desafia arquitetar a palavra, propositadamente, colocada ou deslocada. Invenção do texto. Liberdade e direito de expressar-se, de sentir-se autor com o texto que lhe convier, cujo endereçamento deverá ser diverso da leitura solitária do professor com finalidade menos estimulante ainda, qual seja, atribuir-lhe juízo e valoração.

Esse endereçamento da produção literária escolar pode ser pensado coletivamente e decidido nos grupos que, com certeza, saberão concretizar, dentro das possibilidades do universo escolar, desejos de divulgação das suas produções.

Entende-se que se pode encaminhar o trabalho pedagógico com Literatura para diferentes alternativas que surgirão ao longo do processo, durante o qual ocorrerão escolhas e encaminhamentos decididos coletivamente, com vistas a estabelecer contato mais estreito e eficaz com a produção literária. É coerente com a perspectiva histórico-cultural da Proposta Curricular de SC o trabalho pedagógico que entende que a própria dinâmica do processo indica os encaminhamentos subseqüentes. As leituras de obras, os estudos e a produção textual poderão ter vários direcionamentos e finalidades decididas no grupo.

A Literatura na vida escolar tem como objetivo fundamental a **formação do leitor** e deve, para isso, criar entre alunos e obras literárias uma atitude de intimidade, de curiosidade pelos livros, de interesse pela descoberta, de valorização e de encantamento como leitor e como produtor de textos. Essa relação será construída através de práticas que privilegiem a leitura de obras na sala de aula e as conversas informais sobre as mesmas, em pequenos ou grandes grupos, onde haja espaço para se falar desinteressadamente sobre as leituras como se fala sobre um acontecimento que nos deu prazer. Onde se levante discussões, debates, palestras, júris, outras leituras, audição de músicas ou sessões de vídeos e de filmes de interesse do grupo. Onde haja lugar para recomendação de leituras, indicações feitas pelos alunos, arrazoadas pelo parecer deles. Pequenos textos produzidos por eles, comentários espontâneos sobre obras lidas ou súmulas de obras com apreciação, poderão formar painéis e livros disponíveis na biblioteca da escola, úteis na indicação de leitura para outros alunos.

Feiras de livros, varais literários, recitais, mostras de arte que contemplem obras literárias representadas através de alegorias, de coreografias e de teatro, organização de grupos contadores de histórias são excelentes motivadores de leituras. Para desenvolver esse trabalho, é preciso garimpar com os alunos,

seguir veios, cursos, entrelaços previstos, outros apontados de surpresa, recebidos com espanto, mas sem susto. Dessa forma se estabelece com o universo literário uma relação prazerosa e permanente.

No Ensino Médio, além desse caráter, a Literatura tem compromisso com a historicidade da obra literária, por tratar-se, nesse estágio da vida escolar, juntamente com Língua Portuguesa, de uma disciplina. E, como tal, necessita ser entendida historicamente, como parte do conhecimento produzido pelo homem ao longo de sua história. Sua evolução, suas possibilidades enquanto gênero e a compreensão das implicações históricas, sociais e culturais na produção desse conhecimento, dá-se pelo situar o homem no seu tempo. Embora esse não seja um dado completamente novo para o aluno do Ensino Médio, uma vez que no Ensino Fundamental já se faz referências a essas questões, é a partir desse momento da vida escolar que, de forma mais clara, se encaminha o estudo da Literatura. O que significa dizer que, de forma mais sistematizada, busca-se localizar as obras no tempo e nos gêneros, tendo clareza da relatividade dessas questões. Investigar em que momento histórico e social estão autor e obra inseridos, contribui para melhor lê-los. Esse processo de estudo ajuda a compreender as relações e as produções sociais que se constroem ao longo da História da humanidade.

Estabelecer essa relação com o momento histórico, através das obras, é uma prática interessante para se proceder discussões e leituras contemporâneas e questionar em que medida os textos de hoje emergem do nosso tempo, das relações sociais, culturais e políticas em que vivemos. Esse é um caminho a ser seguido à medida que se pode sempre estabelecer um elo entre a Literatura e a contemporaneidade, o que atribui ao estudo um significado mais plausível, uma finalidade mais concreta e mais tangível.

Interpretar bem um texto significa não só encontrar nele o que o sujeito-leitor enxerga a partir dos recortes que sua visão de mundo faz, mas ser capaz, também, de levantar marcas deste texto que apontam para possíveis intenções do autor, do gênero, da escola literária, do momento político, da ideologia vigente e/ou do pensamento filosófico predominante. Interpretar bem um texto, pede ainda ao leitor que entre na linguagem que constitui o texto literário, percebendo que ela, enquanto linguagem literária, se diz. E que, por isso mesmo, o literário muito mais do que aquilo que conta, é o “como” conta esse aquilo.

Nessa perspectiva cabem leituras que, novamente, tenham como pano de fundo uma mesma temática que, porque enfocada de forma diferente, fala de outras tantas coisas bem mais importantes que ela e que, à primeira vista, parecem fatos periféricos. Veja-se, por exemplo, um dos temas mais banais da história humana: o triângulo amoroso. Perceber as diferentes abordagens dele é uma forma interessante de estudar Literatura, não somente em seus diferentes momentos mas também relacionado a outras artes, como o cinema e a música.

Assim, ler D. Casmurro de Machado de Assis e São Bernardo de Graciliano Ramos é uma maneira de se ver a conhecida e velha história da traição pelo olhar de dois grandes nomes da Literatura e uma oportunidade de se checar a visão de mundo de dois séculos diferentes (XIX e XX), bem como de duas escolas literárias diferentes: Realismo e Modernismo.

Contrapondo, ainda, pode-se projetar, em transparências, para leitura e interpretação, História de Amor de Regina Coeli Rennó, um bom livro de história infantil que, usando apenas recursos visuais, conta a história de amor de dois lápis (um rosa e outro azul) que sofrem a interferência de um terceiro elemento: um lápis amarelo. Pode-se ver, em História de Amor, a contemporaneidade: livro sem texto, sintonizado com o momento, extremamente visual, traz à baila uma das preocupações atuais, a qualidade do livro para crianças.

Na verdade, nos três livros citados o que menos conta é a história em si. É isso que precisa ser visto na escola. Trabalhando nessa perspectiva, evidenciam-se não só as diferentes formas de se trabalhar artisticamente um mesmo tema, mas, essencialmente, o que está por trás dele. Sendo diferentes os momentos, diferente é, também, o que é dito, para dizê-lo.

Vale lembrar aqui o conto Tchau, de Lygia Bojunga Nunes – um dos nomes mais significativos da literatura juvenil brasileira atual – que num estilo irrepreensível, aborda essa mesma temática.

Da mesma forma pode-se remeter os leitores aos primórdios da Literatura universal com As Mil e Uma Noites, obra das mais conhecidas e mais antigas da humanidade, cujas mil e uma histórias garantem a reversão da marca de uma história de traição.

Nesse mesmo bloco pode-se sugerir ainda a leitura de O Primo Basílio, de Eça de Queirós para observar em que perspectiva o tema é abordado dentro do Realismo português.

Excelente representante da contemporaneidade, nessa mesma temática, é a obra Uma Noite em Curitiba de Cristóvão Tezza que articula de forma surpreendente a narrativa amorosa, questiona verdades, estereótipos e investiga comportamentos.

Comparar os diferentes estilos, as diferentes intenções, os diferentes desfechos dessas obras tão distanciadas pelo tempo, mas tão próximas na temática é perceber como se tecem os fios literários. É perceber também o que garante a atemporalidade de uns, a universalidade de outros e o esquecimento de tantos.

O filme Atração Fatal pode também ser trazido para apreciação e discussão, buscando-se, nesse caso, as especificidades da linguagem cinematográfica em confronto com a linguagem literária.

Igualmente na poesia de Vinícius, o Soneto da Fidelidade e Soneto de Separação pode-se ver a mesma temática cantada em gênero clássico na visão de um poeta contemporâneo, bem como, composições musicais da atualidade e tão do agrado dos jovens tratam com frequência dessa temática.

É interessante observar que as escolas literárias ou o histórico da Literatura não deixarão de ser dados. Apenas não será obedecida com rigidez uma seqüência cronológica que, na maioria das vezes, empobrece as aulas e entedia os alunos por não conseguirem vislumbrar numa obra aquilo de que os livros, as apostilas e os seus professores falam. O que se propõe é trabalhar sempre, na perspectiva da totalidade da história da Literatura e das produções literárias.

Um bom recurso é ter em sala de aula um mapa que evidencie os diferentes momentos, com suas características, obras e autores para que os alunos se localizem a cada nova leitura feita. Dessa forma, mantém-se a sistematização do quadro da Literatura Brasileira à medida que os alunos vão fruindo e socializando suas leituras. Sem contar com a não necessidade de estudar a fortuna crítica de autores consagrados, cujas obras jamais serão lidas.

É preciso na verdade garantir, acima de tudo, que nas aulas de Literatura se tenha contato mesmo é com ela: com a Literatura! Conseguindo isso, o restante virá por acréscimo; feito o aluno leitor, ele mesmo auxiliará o professor na busca e estudo de novos textos, preservando-se uma das questões mais relevantes da qualidade textual: a de eles sempre nos levarem a novas leituras que, **num nunca mais terminar**, nos levarão sempre a outros tantos textos.

Conduzir o processo dessa forma possibilita também resgatar toda a gama de produções artísticas e analisá-las conjuntamente como tendências que se dão ao longo do tempo. Esse movimento na História, com vistas ao contemporâneo, atribui significado ao estudo e resultados mais satisfatórios, pesquisas, leituras e investigações conduzidas dessa forma são prazerosas. O desafio de se fazer descobertas em relação ao mundo da música, das artes, da moda e de comportamentos, poderá estar envolvendo o desafio de localizar ou de ler uma obra literária. Ou, a leitura da obra poderá ensejar informações referentes a essas questões, ou a outras, a fim de estabelecer estudo comparativo com atitudes do homem contemporâneo e com a visão de mundo que têm os jovens.

O (re)conhecimento dos gêneros literários deve dar-se, também, através da leitura de obras. Excluindo-se no gênero narrativo, o romance, as demais modalidades requerem menor tempo para lê-las e constituem, por isso, vantagem do ponto de vista de adequação às condições de leitura no ambiente escolar. O conto e a crônica são narrativas breves, representativas de textos que conservam sua integridade enquanto produção literária, independentemente da obra na qual estão inseridos. E, por essa razão, enquanto extratos de obras, não têm sua compreensão prejudicada, nem se incorre na problemática da fragmentação de obra literária.

A Literatura Catarinense, por exemplo, dispõe de excelentes obras e pode-se, através da leitura das mesmas, realizar o estudo dos gêneros literários. Sorrisos meio Sacanas de Sérgio da Costa Ramos (disponível nas bibliotecas das escolas públicas), é uma boa opção para se conhecer o universo da crônica e, a partir delas, buscar outros tantos cronistas publicados em obras e periódicos.

Da mesma forma são inúmeros os bons contistas e romancistas catarinenses, como Salim Miguel, Adolfo Boos Júnior, que lançou recentemente o romance Um Largo/Sete Memórias e escritores de contos infanto-juvenis como Maria de Lurdes Ramos Krieger Locks e Werner Zotz, só para citar alguns.

A poesia de Alcides Buss em Sinais/Sentidos é referência especial da tecitura do texto poético, do lirismo conciso, polissêmico, polifônico e do dialogismo que a partir dele, então, se estabelece. Outros tantos poetas catarinenses virão na teia dessa busca. Cruz e Sousa, inclusive, para que se possa ver as diferenças das produções e das intenções dos textos produzidos em diferentes momentos históricos. Sem falar ainda que se pode expandir o conhecimento do gênero poético para os poemas haicais e outras tendências da poesia, até

as produções mais populares de trovas, desafios e cordel, bem como as composições musicais das bandas contemporâneas, excelentes para reconhecimento do que se entende por literário e não literário.

Sugere-se, ainda, que se leia nos grupos para efeito de reconhecimento dos gêneros literários – além, é claro, de outros objetivos já discutidos neste documento – a coleção de obras classificadas no **Prêmio Cruz e Sousa de Literatura-1995**, em sua versão nacional. Essas obras são produções atuais representativas de gêneros literários e também estão disponíveis nas escolas públicas de SC. São elas: A Balada do Cárcere (poesia) de Bruno Tolentino, Fractal em Duas Línguas (contos) de Cunha de Leiradella, Cebola (romance) de Manoel Carlos Karam, catarinense de Rio do Sul, e as obras premiadas no **I Concurso Nacional de Dramaturgia-1995**, Um Dia, Um Sol – categoria infantil – de Deolindo Checcuci Neto, Cabaré Lupicínio – categoria adulto- de Analy A. Pinto e Éter – categoria adulto- de Jorge Júlio S. Rein, em um único volume, as quais podem perfeitamente ser encenadas pelos alunos.

Há, também, na Literatura Catarinense: Esse Amor Catarina, Esse Humor Catarina e Esse Mar Catarina, caso se deseje ler um determinado gênero (conto), com uma mesma temática, do ponto de vista de autores e de épocas diferentes. Autores brasileiros também tiveram suas obras organizadas dessa forma, o que facilita leituras e estudos comparados. Pode-se ler contos organizados por Ricardo Ramos em: A Palavra é... Amor, A Palavra é... Humor e A Palavra é...Festa.

O estudo da Literatura Catarinense deve ser contemplado em nossas escolas buscando conhecer as produções mais próxima de nós, sejam as produções estaduais,, regionais ou locais. Há que se estimular esse estudo nas escolas, sob pena de deixarmos de lado uma fatia do conhecimento de Literatura.

É vasta a teia de possibilidades de leituras na perspectiva de um mesmo tema, rica porque quanto mais se investiga, mais se descobre especificidades de linguagens, gêneros, épocas, intenções, ideologias e estilo. No gênero romance, por exemplo, pode-se ler, dividindo em grupos, para sistematizar as leituras e adequá-las às condições da escola, Os Sertões de Euclides da Cunha, A Guerra do Fim do Mundo, narrativa de Mario Vargas Lhosa também sobre o episódio de Canudos, e assistir à minissérie Desejo produzida para televisão, que narra na perspectiva da TV, a vida atribulada de Euclides da Cunha. Há, também, a produção recente do cinema brasileiro, Guerra de Canudos, longa metragem dirigido por Sérgio Rezende e protagonizado por importantes atores brasileiros, que, certamente, estará disponível em vídeo. Ainda, a produção de cordel é rica em relação a esse episódio bastante explorado pela mídia atualmente, devido ao centenário do seu acontecimento.

Gerações do Deserto de Wilmar Sassi e Império Caboclo de Donaldo Schuler contam a Guerra do Contestado, versão catarinense da saga de Canudos.

Daí expandir para obras que tratam de temas decorrentes é um pulo só. É farta, a Literatura, de obras que enfocam o homem envolvido em conflitos pela sobrevivência, disputas de terra e liderança política. São temáticas da Literatura universal: problemáticas do homem do campo e do homem urbano, questões de crenças e questões existenciais, a organização social que favorece privilegiados e condena explorados.

Trabalhando dessa forma, enquanto construção de um processo de estudos e de leituras que se dá e que se trama no coletivo, que se modifica e se amplia à medida que se lê, que se discute e que se produz conhecimento e textos diversos, fica claro o entendimento da avaliação em Literatura, na perspectiva que orienta a Proposta Curricular de SC. Se a concepção de aprendizagem que a norteia entende o ensino-aprendizagem como um **processo** que se constrói, a avaliação não poderá ser vista de outra maneira. E, para tanto, precisa-se discuti-la e entendê-la para que se possa avaliar de forma coerente com o trabalho que se pretende realizar.

As reflexões feitas neste documento e os encaminhamentos, aqui sugeridos, são o princípio de uma discussão muito mais ampla que deverá ser amadurecida em estudos posteriores. Espera-se que os professores estejam atentos para trabalhar períodos, temas e gêneros que aqui não foram contemplados. Certamente uma miríade de possibilidades de trabalhos nascerá no coletivo da sala-de -aula e no mundo dos textos que estarão, eles mesmos, sempre sugerindo outras leituras e tantos encaminhamentos, de forma que o difícil se torne fazer a opção e não a ausência dela. Deseja-se que o universo da Literatura faça parte da vida de alunos e professores, que se constitua em objeto de desejo como desejáveis e necessárias são outras substâncias; que seja busca e fascínio, seres que somos, capazes de nos debruçarmos sobre nós mesmos, de nos espelharmos nos nossos pares para então nos compreendermos melhor e melhor traçarmos nossos rumos e nossas produções, dentre elas, a literária. E, então, cada vez mais nos constituiremos seres-sujeitos da História humana.

**BIBLIOGRAFIA****Teoria**

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, sd
- \_\_\_\_\_. **S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1992.
- \_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela Leitura Literária na Escola de 1º Grau**. São Paulo: Ática, 1995.
- CADEMARTORI, Ligia. **O Que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em Questão**. Tradução Bruno Charles Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994
- \_\_\_\_\_. **A Criança, o Professor e a Leitura**. Tradução Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- HOHFELDT, Antonio. **A Literatura Catarinense em Busca de Identidade – A Poesia**. Florianópolis: UFSC/Movimento/FCC, 1997.
- JAUSS, Hans Robert. **A Literatura e o Leitor**. Coordenação e tradução de Luís Costa Lima. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Literatura e teoria literária; v. 36)
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A Leitura Rarefeita**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LEITE, Ligia Chiappini M. **Invasão da Catedral: literatura em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Memórias de um Leitor Amoroso**. Rio de Janeiro: Proler, 1995. (Coleção Ler e Fazer; v.07)
- MORAIS, José. **A Arte de Ler**. tradução Álvaro Lorencini. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- PAULINO, Graça, WALTY, Ivete (org.). **Teoria da Literatura na Escola**. Belo Horizonte: Lê, 1994.
- PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. tradução de Leny Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PERROTI, Edmir. **O Texto Sedutor na Literatura Infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- PROUST, Marcel. **Sobre a Leitura**. tradução Carlos Vogt. Campinas: Pontes. – 2. ed., 1991.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura/Ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1992.
- SACHET, Celestino. **A Literatura Catarinense**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1993.
- SOARES, Iaponan. **Panorama do Conto Catarinense**. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: a literatura de mercado**. São Paulo: Ática, 1988.
- VIEIRA, Alice. **O Prazer do Texto: Perspectivas para o Ensino de Literatura**. São Paulo: EPU, 1989. – (Temas básicos de educação e ensino).
- ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Literatura e Pedagogia : Ponto e Contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. (Série Contrapontos).
- \_\_\_\_\_. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

**Ficção**

Estão elencadas aqui, apenas as obras citadas no corpo do texto.

- ANTOLOGIA DE DRAMATURGIA: Concurso Nacional Álvaro de Carvalho, 1995**. Florianópolis: FCC/IOESC, 1996.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: 1992. (Série Bom Livro).
- BUSS, Alcides. **Sinais/Sentidos**. Florianópolis: MAL, 1995.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.
- GATTAI, Zélia. **Anarquistas Graças a Deus**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- IACocca, Liliana & Michele. **Farra no Formigueiro**. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Labirinto).
- KARAM, Manoel Carlos. **Cebola**. Florianópolis: FCC/IOESC, 1997. Prêmio Cruz e Sousa de Literatura – 1995. Categoria Romance.
- KHAWAM, René R. **As mil e uma noites**. Texto estabelecido a partir dos manuscritos originais por René R. Khawan; tradução Rolando Roque da Silva. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KIRINUS, Glória. **Formigarra Cigamiga**. Curitiba: Braga, 1993.
- LEIRADELLA, Cunha de. **Fractal em Duas Línguas**. Florianópolis: FCC/IOESC, 1997. Prêmio Cruz e Sousa de Literatura – 1995. Categoria Conto.

- LHOSA, Mário Vargas. **A Guerra do Fim do Mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- LISBOA, Henriqueta. **O Menino Poeta**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- LOBATO, Monteiro. **A Chave do Tamanho e Fábulas**. Círculo do Livro, sd
- \_\_\_\_\_. **Histórias da Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- MEIRELES, Cecília. **Os Melhores Poemas de Cecília Meireles**. São Paulo: Global, 1996.
- MORAES, Vinícius de. **Literatura Comentada**. São Paulo: Abril, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Arca de Noé II**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- NUNES, Lygia Bojunga. **A Casa da Madrinha**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Corda Bamba**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Tchau**. Ilustrações de Regina Yolanda. – Rio de Janeiro: Agir, 1985. – (Coleção 4 Ventos).
- \_\_\_\_\_. **Os Colegas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMOS, Sérgio da Costa. **Sorrisos Meio Sacanas**. Porto Alegre: Mercado Aberto/ Edufscar, 1996.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**: 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- RAMOS, Ricardo. (org.). **A Palavra é... Amor**. Rio de Janeiro: Scipione, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A Palavra é... Festa**. Rio de Janeiro: Scipione, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A Palavra é... Humor**. Rio de Janeiro: Scipione, 1988.
- RENNÓ, Regina Coeli. **História de amor**. Belo Horizonte: Lê, 1992. (Coleção Imagens Mágicas)
- TEZZA, Cristóvão. **Uma Noite em Curitiba**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- TOLENTINO, Bruno. **A Balada do Cárcere**. Florianópolis: FCC/IOESC, 1997. Prêmio Cruz e Sousa de Literatura – 1995. Categoria Poesia.
- ZOTZ, Werner. **Rio Liberdade**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

#### **GRUPO DE TRABALHO**

BEATRIZ MARIA ECKERT HOFF – 11ª CRE  
CARMELITA MASIERO FONTANELLA – 15ª CRE  
CELESTINA MAGNATI – 12ª CRE  
CLÉLIA BURIOL ZANUZO – 11ª CRE  
ELVIRA DA SILVA LIMA – 10ª CRE  
EVA DE LOURDES C. DA SILVA – 07ª CRE  
MARIA AMALIA AMARAL – SED/DIEF  
MARIA DAS DORES PEREIRA – SED/DIEF  
MARIA JANETE VANONI – 07ª CRE  
MARIA SALETE DAROS DE SOUZA – 16ª CRE  
NOÍDE MAFRA JASPER – 16ª CRE  
SIDAMAR ARTIFON – 10ª CRE

#### **RESPONSÁVEL PELA ESCRITURA DO TEXTO**

MARIA SALETE DAROS DE SOUZA – 16ª CRE

#### **COORDENADORA**

MARIA DAS DORES PEREIRA – SED/DIEF

#### **CONSULTORA**

SUELI DE SOUZA GAGNETTI